

Descobrimientos ainda acontecem
(que me perdoem os mestres de Avis)
quando grandes desejos permanecem
dentro de quem procura ser feliz.

Cruzando mares muitas naus perecem,
principalmente aquelas de quem quis
provar que novas terras aparecem
traçadas no horizonte por um giz.

Tentei, por mares nunca navegados
achar o Cabo da Minha Esperança
e encontrar meus caminhos encurtados...

O coração ainda faz milagres,
e pode ser, com glória e com pujança,
o fundador da sua própria Sagres...

Alba Christina, Soneto Alegórico;
em Fanal 01.00

Amores? Tive-os! Glórias? Conquistastei-as!
Em meu caminho não medrou insulto.
Bati-me sempre por razões alheias
e a minha espada defendeu meu culto.

As intrigas do mundo, desprezei-as,
sem dar ouvido ao traidor oculto.
E assim, colhendo flores a mancheias,
fui passando da vida no tumulto.

As mulheres por mim foram amadas...
A todas exaltei em meu cantar
com fervoroso e juvenil ardor...

Mas dentre tantas honras conquistadas,
não tive maior glória que te amar,
nem conquista maior que o teu amor!...

Athayr Cagnin, Cavalheiro;
de Seixo Rolado, 1982

Ante a fome que a humanidade aterra,
buscando, em volta, achar a solução,
o pobre homem trabalhou a terra,
que amiga, respondeu com a produção.

Por esta linha, a gente jamais erra,
pois não há labor exercitado em vão.
E como o preceito bíblico encerra,
ganhou, com o suor do rosto, o seu pão.

Vencedor pela produtividade,
cercou-se o homem da iniquidade,
mortos os princípios que a ambição consome.

Chegou-se agora a tão brutal loucura,
que mesmo havendo as bênçãos da fartura,
ainda existem irmãos que passam fome!

Fernando Vasconcelos, Lamentavelmente;
em 2ª Antologia Poética Vargas Netto, 1998

Cansado de fazer trovas
sem que me ouvissem jamais
tentei usar armas novas
quem sabe atenda haicais.
Sérgio Serra

Poras veredas singelas
da Trova e da Poesia,
se difundem as mais belas
lições de filosofia.
Roberto R. Vilela, em Trovalegre 01.00

Se aos outros deres bom trato,
respeito, a qualquer momento,
receberás – de imediato,
o mesmo e igual tratamento.
Josias Paiva Pinheiro, em CPAC 12.98

Tenho, sim, muito mais ouro
e fortuna que um ricaço:
não há no mundo tesouro
que pague as trovas que eu faço!
Darty *Angélica* O. Barros, BI Magé 12.99

Respeita o empenho constante,
o eterno recomeçar
de quem erra e segue avante,
na esperança de acertar.
Maria H. C. M. Duarte, em Trovalegre 10.99

Numa alegria sem fim,
o meu coração criança
faz da ilusão trampolim
e mergulha na esperança...
Marta Maria P. Barros, em BI UBT SP 01.00

CLASSIFICANDO OS TERCETOS INDEPENDENTES

Podemos chamar de **trevo** todos os *tercetos independentes*: ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔
O trevo guilhermiano rima versos de 5 sílabas e, do meio, de 7 sílabas, a 2ª com a 7ª.

O trevo **senryu** é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.

O trevo **haikai**, é sempre “**aqui e agora**” – **não conceitual**.
O trevo haikai é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo!

Assim, temos:
trevo **haikai** personagem ou trevo **haikai senryu** (não filosófico),
trevo **haikai** subentendido (*aborda a natureza sem situar a estação*);
trevo **haikai sazonal**, **poesia pura** – (o *kigo*, *palavra da sazão*, *define-a*).
Simbolizamos o trevo haikai de sazão pelo ipê, tal como a trova é simbolizada pela rosa!

Trevo senryu:
Lava, escorre, agita
a areia. E, enfim, na bateia
fica uma pepita.
Guilherme de Almeida, O Haikai *

De fonte oficial:
ninguém se entende também
na Aldeia Global.
Waldomiro Siqueira Júnior *

Trevo haikai senryu
ou
trevo haikai personagem:
O trabalho honesto.
A mesa pronta. A despesa
medida e sem resto.
Waldomiro Siqueira Júnior *

Na manhã de sol
tua sombra se projeta.
o sol se ilumina.
Lyad de Almeida, SF 12.98

Trevo haikai subentendido
ou
trevo haikai sem sazão:
Roseira teimosa.
Seja frio, calor, viceja
branqueando rosas...
Cyro A. Catta Preta, Teimosia; SF 06.98

Diamante, Vidraça.
Arisca, áspere asa risca
o ar. E brilha. E passa.
Guilherme de Almeida, Cigarra

Trevo haikai sazonal:
Kigos: Luar (outono)
Folha Nova (primavera)

Favela. A lua
fez da lata dos barracos
finas pratarias.
Lyad de Almeida, SF 12.98

Na árvore despida,
nua, uma folha insinua
um grito de vida...
Cyro A. Catta Preta, Esperança *

As Menores Poesias do Mundo ao Seu Alcance, Edição 06.96 (*A), e trecho revista (*Y).

Persegue implacável
as pétalas de cereja
forte *tempestade*.
(1162/1241)

Teika
Senryu

Poema curto, o trevo haikai sazonal,
poesia pura, não ocupa muito espaço,
facilitando os meios de comunicação.
Podemos dizer que é o supra-sumo da
brevidade. Inicialmente poema de
humor, Bashô o valorizou acrescentando-lhe
a filosofia zen. Várias
línguas o chamam **haiku** (batisado por
Shiki), derivado de parte das palavras
hokku, primeira estrofe (*sempre* tinha

Montes distantes
onde *nevam* as nuvens
com porções claras...
Senryu

Pétala caída
que torna de novo ao ramo:
uma *borboleta!*
Arukida Moritake (1473/1549)

A *cigarra*... Ouvi:
nada revela em seu canto
que ela vai morrer
Masao Munefusa, Bashô (1644/1694)

Nenhum movimento
no pântano da montanha
na manhã de *neve*.
Chiyo-Ni (1703/1775)

Este *caranguejo*
está no mesmo lugar
em que o céu de ontem.
Yosa Buson (1716/1784)

É pobre sim, pobre,
a mais pobre das províncias.
Mas, *sinta esta brisa!*
Kobayashi Issa (1763/1827)

Defronte da casa
inda se trançam esteiras
à luz do luar. *Masaoka Shiki*
(1867/1902)

Pessoa; Alberto Caetano. “Sinto,
portanto, existo” (Jean-Jacques Rous-
seau). Na prática do haikai de sazão
também ocorrem evocações desperta-
das pelo kigo e experiências de remi-
niscências que usamos como se no
momento presente ocorresse.
Descritivos, os haicais, de um modo
geral, correspondem, portanto, a
instantes, como um *flash*, uma foto e

mesmo um filme. O poeta os capta do
real e os transubstancia. Passa a ser um
todo harmônico rodeado e em fusão com
a natureza.
A qualidade de um haikai é propor-
cional à prática de o produzirmos
concentrados no que nos rodeia e
olhando bem para dentro de nós mes-
mos. O presente texto possibilitará a
quem

os ler – e praticar – alcançar um grau
de razoável satisfação íntima de con-
cebê-los. Exercitando-se dominará e
perceberá melhor as normas e a con-
sequente técnica. À medida que traba-
lhar seus haicais, a inspiração virá. O
gênio é resultado de trabalho e mais
trabalho. Quando transpiramos de
forma correta, a inspiração se compa-
dece e aparece! Experimente.

netos: (o soneto inglês até destaca como
dístico seus dois últimos versos). Evitar a
redundância, o verbo *ser*, a análise. Ao
contrário. As frases devem ser soltas,
ambíguas nas suas funções lógicas. São
frases abertas, plurais. Assim imbuído,
o autor fica a cavaleiro para produzi-
lo. Para Bashô, as fontes da
poesia são: espontaneidade, intuição e
aperfeiçoamento espiritual, que se
alcançam pela visão direta e não na
produção de um haikai.

1 – NÃO CONCEITUAÇÃO, MAS DESCRIÇÃO
O haikai é descritivo – evita o conceitual.
Em geral é um poema descritivo, evita o
discursivo, o conceitual. Deve-se pois fugir
ao raciocínio e respeitar a simplicidade, usar
poucos adjetivos e, sempre que possível,
ligá-lo a uma estação do ano, observando a
natureza. Os versos de um haikai não
devem ter “logo”, nem “portanto”, nem
“contudo”, etc., no sentido de uma conclusão
lógica como os encontrados geralmente na
trova e nos so- ➔

CARACTERÍSTICAS DO HAICAI 1 NÃO CONCEITUAÇÃO, MAS DESCRIÇÃO – É um poema
conciso, descritivo, *evita o conceitual*. **2 OBJETIVIDADE** – Contém expressão direta, objetiva - *por
meio de imagens vistas no momento*. **3 *KIGO** – Relaciona-se a uma estação do ano, quando contém
termo da estação (*kigo*). **4 MÉTRICA** – É formado por 3 versos de 5, 7 e 5 sílabas poéticas – sons
(trevo exemplar).

5 FIDELIDADE E SENSIBILIDADE – Expressa fielmente a sensibilidade do autor.
6 TÍTULOS E RIMAS DISPENSÁVEIS – Dispensa títulos e não exige rimas.
* Os haicais com **kigo** resultam textos harmoniosos e equilibrados entre o objetivo e o subjetivo,
o material e o espiritual. Entre natureza e ego.
Mergulhemos nessas características.

➔ netos: (o soneto inglês até destaca como
dístico seus dois últimos versos). Evitar a
redundância, o verbo *ser*, a análise. Ao
contrário. As frases devem ser soltas,
ambíguas nas suas funções lógicas. São
frases abertas, plurais. Assim imbuído,
o autor fica a cavaleiro para produzi-
lo. Para Bashô, as fontes da
poesia são: espontaneidade, intuição e
aperfeiçoamento espiritual, que se
alcançam pela visão direta e não na
produção de um haikai.

2 – OBJETIVIDADE
O haikai possui expressão direta,
objetiva – por meio de imagens.
“O haikai é o que está acontecendo aqui
e agora” (Bashô). Simultaneamente,
de fora para dentro, de dentro para fora. A
sua claridade surge do entrechoque das
imagens (corte ou brecha).

O kigo (termo de estação) *situa o autor e seu
poema* em uma determinada estação do ano.
O kigo possibilita melhor harmonia entre o visto
de fora para dentro, magicamente fazendo o
haikai de dentro para fora. Kigo é a palavra que
representa uma das quatro estações. Por exem-
plo: brisa, ipê, borboleta (fato atmosférico, flora
e fauna de primavera); ano novo, caranguejo
mo vivencial e fauna de verão), libélula, luar
(fauna e fato atmosférico de outono) e festa
junina (evento de inverno).

Nos concursos pois de trevos haicais **de sazão**
não se peça *tema*, simplesmente, mas sim *tema
da sazão* (kidai) ou, melhor, *palavra da sazão*
(kigo).

Kigo é a palavra da sazão. É a própria identidade
do haikai sazonal. **Dele** é que emana a poesia.
Kidai é o tema da sazão e *só existe quando o trevo
haikai contém o kigo*. O kigo casaco (por extensão,
agasalho), identifica um haikai com kidai (tema **da
sazão**), tema de inverno, no caso:
Mau agasalhado
debaixo do Minhocão.
Noite e muitos carros. MFM

4 – MÉTRICA
Contagem dos sons, dos fonemas, por sílabas poéticas. A contagem termina sempre na sílaba tônica
da última palavra de cada verso. Dispensa-se da contagem as demais sílabas dessa mesma última
palavra, se houver. A cada verso inicia-se nova contagem (dispensa-se as sílabas que sobram da última
palavra do verso anterior).
Na contagem, ignora-se sempre quaisquer pontuações.
1ª 2ª 3ª 4ª 5ª 6ª 7ª ➔ **Sílabas poéticas**
PRO CU RAN DO **POU** SO Procurando pouso,
NA RU A MO VI MEN TA DA na rua movimentada,
BOR BO LE TAA **FLI** TA borboletaflita. Edson Kenji Iura
Aqui temos um haikai com kigo de primavera (borboleta). Três versos: 5, 7 e 5 sílabas poéticas (sons).

Tamborile os dedos do polegar ao mínimo, um por vez, lendo cada
verso, sílaba a sílaba.
O dedo mínimo sempre dará o som forte, a sílaba tônica, da
última palavra do primeiro e terceiro versos; dará sempre a 5ª
sílaba poética (as sílabas finais *so e ta*, é como se não existissem).
Por ter o segundo verso mais de cinco sons (tem sete sílabas
poéticas), procede-se como acima, retornando a tamborilar o
polegar (sexto som) e o indicador. O indicador nos dará o som
forte, a sílaba tônica, da última palavra (sétima sílaba poética) do
segundo verso.
No segundo verso, a palavra **rua**, por ser ditongo crescente, pode-se

optar por uma ou duas sílabas poéticas (sons).
Nos ditongos decrescentes se dá a “sinalefa por
sinérese” e em fusões como o dos **aa** do terceiro verso,
se dá a sinalefa por crase. O ouvido perceberá, nos dois
casos, uma única sílaba poética. Ainda que, naqueles, o
som de ambas vogais sejam distintos.
Forçamos se a separarmos: a vogal, repetida ou
diferente da anterior (vogais simultâneas como ditongos
decrescentes) dará a impressão de intervalo de hiato
(leia o destaque – importante – no verso desta folha).

1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	⇌ Silabas poéticas	
PER	SE	GUEIM	PLA	CA	VEL	persegui	placá	I
QUE	TOR	NA	DE	NO	VOAO	RA	MO	que torna de novo
A	CI	GAR	RAOU	VI				III
NA	DA	RE	VE	LAEM	SEU	CAN	TO	nada revelem seu can
QUEE	LA	VAI	MOR	RER				IV
EM	QUEO	CÉU	DE	ON	TEM	em queo céu de on		V
MAS	SIN	TAES	TA	BRI	SA	Mas, sintesta bri		VII

Obs. Ao se traduzir um haikai, devemos procurar obedecer a regra métrica 5, 7, 5 ao "recriá-lo".

Nota: Ao articularmos u, i, e, o, a, nessa ordem, nossa boca tende a abrir-se, a cada som seguinte, de forma crescente:

a
o oa
e ea eo
i ia ie io ~ ~
u ua uã ue ui úi uu

São treze os ditongos crescentes, nos quais pode haver ou não diérese (opção para uma ou duas sílabas poéticas), conforme acima. Exemplos: páscoa, rédea, cetáceo, história, espécie, fio, quadro, quando, tênue, frequentar, cuidado, tranquilo, quinquênio, aquoso, etc..

Derrapando, o ônibus
vai pelo Uruguai ainda.
Granizo na estrada. MFM

1º Verso – Ao se tamborilar *doou*, as duas primeiras vogais se fundem no anular. O dedo mínimo conta como 5ª e última sílaba poética (som), a sílaba tônica *o* da última palavra do primeiro verso, dispensando as sílabas seguintes dessa proparoxítona. **2º Verso** – A primeira palavra, *vai*, é ditongo decrescente, já sabemos. O som cabe todo, portanto, no polegar, como primeiro som desse verso. É uma "síntese por sinérese".

O som *loU*, "ditongo decrescente" com a primeira vogal eliminada (a vogal *o*, no caso), fica no dedo médio, como terceira sílaba poética. Seu único som: *lu*. É uma síntese por elisão.

O som *guai* cabe todo no dedo mínimo (é um tritongo, lembrem-se?). Percebe-se em *ain*, dois sons (polegar e indicador, sexto e sétimo som), um hiato, cuja segunda vogal forma a sílaba tônica da última palavra desse 2º verso.

<p>Trevo senryu: Fadista não é quem canta é quem filtra na garganta o que sente o coração. Rui Assis e Santos, de Fado Maior, 1995</p>	<p>Trevo haikai de sação (primavera): Leve como a pluma a borboleta tranquila flutuando no ar. Dolores Pires</p>	<p>Trevo haikai de sação (verão): Ah! Nada de sombra ou de cousa alguma – o sol e a linda ardenço. Hidekazu Masuda, Goga</p>	<p>Trevo haikai de sação (outono): Noite enluarada! Ao ténue soprar do vento rolam folhas secas. Fanny Lucia Dupré (1911/1996)</p>	<p>Trevo haikai de sação (inverno): Um chapéu de palha e tranças compridas dançam voltando a fogueira. Tomoko Narita, Sabáia</p>
--	--	--	--	--

5 – FIDELIDADE E SENSIBILIDADE

O haikai deve ser a expressão fiel da sensibilidade do autor. Para isto deve: Evitar o raciocínio. Evitar expressões de causalidade ou de sentido vazio. Não explicar tudo por tudo – deixar o apreciador perceber por si mesmo. Respeitar a simplicidade, evitando o "enfeite" de termos poéticos. Usar, pois, palavras do cotidiano, de fácil compreensão. Deve ainda captar, com consciência e realidade, um instante em seu núcleo de eternidade, ou melhor, um instante de transitoriedade.

6 – TÍTULOS E RIMAS DISPENSÁVEIS

O haikai dispensa títulos e não exige rimas. Esta característica do haikai é mais para lembrar que há trevos com títulos (por vezes mera redundância ou fechando, explicando ou alterando o poema, recurso, aliás, que vai além das 5-7-5) e, com ou sem títulos, os há rimados – mas o haikai não é artificializar o texto para rimar, nem é descrever ou explicar título, nem este o fecha ou altera.

"No haikai, a prática é muito importante. No entanto, sem se saber métrica e kigo, não se fazem bons haicais. Assim, devemos desenvolver constantemente o nosso conhecimento sobre a teoria da poesia. Por outro lado, a emoção do haicasta é de maior importância. Sem emoção o haikai não nasce. É para conseguir um haikai digno de ser considerado *masterpiece*, o haicasta deve permanecer sempre sensível à realidade à sua volta, combinando de maneira infalível teoria e prática" (H. Masuda, Goga).

"A viagem mais para fora é a viagem mais para dentro" (Bashô).
"Não se trata de forçar a inclusão do kigo, mas permitir que o sentido do kigo esteja em sintonia com a emoção. Kigo é, simplesmente, a interação do poeta com a natureza, permitindo que ela se torne parte de nós. Quando mergulhamos no interior dessa natureza, percebemos que algo nos deixa felizes. Essa felicidade deve ser cantada no haikai" (Tomotsugu).

KIDAI DE VERÃO

<p>Na terra tão seca um calor que é mais castigo! Banho de mormaço... Alda Corrêa M. Moreira</p>	<p>O mandacaru! Verde espada de espinhos... Luta contra a seca. João Elias dos Santos</p>	<p>Afoço-me em pranto ver os móveis tão molhados após o toró. Marieme Tokumu</p>
<p>Beira de estrada canto uma música cigarrar, outra. Carlos Roque B. de Jesus</p>	<p>Descem pelo muro os rastros de caracóis. Fim da hibernação. José N. Reis</p>	<p>Formiga apressada. Para os salões subterrâneos seu lar, doce lar. Nadyr Leine Ganzert</p>
<p>Pela enxurrada levado um cachorro aflito. Edel Costa</p>	<p>Lacuna na noite perturbador pernilongo. Pinos e silêncio. José Walter da Fonseca</p>	<p>Música noturna. Silêncio. Picadas, tantas... cruel pernilongo. Nilton Teixeira</p>
<p>Vaidoso crepúsculo: à sombra de um flamboiã, sussurros de amor. Eduardo A. O. Toledo</p>	<p>Ventania azul faz um banzeiro no rio. As nuvens deslizam. Larissa Lacerda Menendez</p>	<p>No alto, o xaxim. Fustigada pelo vento a samambaia chora! Olíria Alvarenga</p>
<p>Linda samambaia... – Varanda vai refrescando folhagem que espriata Fernando Soares</p>	<p>No pé de goiaba, escondido, o metro-angola desafia a cigarrar. Leonardo Cezário Santos</p>	<p>Rosas brancas, rosas... Charmingas, tantas cheirosas, sempre as pressurosas. Rogério M. Sequeira Costa</p>
<p>De linho, guardada, a camisa virou renda. Traça trabalhando. Fernando Vasconcelos</p>	<p>Marpissa vos, vagalumes guiam. Leonilda H. Justus</p>	<p>Flamboiã florido faz formoso festival. Fina fantasia... Santos Teodósio</p>
<p>O menino e a mãe... Longa tarde de verão fazendo sorvete. Guim Ga</p>	<p>Frangrância das rosas íntima o casal passear no jardim em flor... Luís Koshitiro Tokutake</p>	<p>Vaso grande de samambaia-de-metro: herança da avó. Sergio de Jesus Luizato</p>
<p>O tempo, de seca. Mandacaru alimenta sertanejos tristes. Heloisa S. Brandão</p>	<p>Cigarrar extravasa entre contínuos gemidos sua curta passagem... M. U. Moncam</p>	<p>A cigarrar canta. Esconde em seu canto vivo a dor da sua morte. Sueli Texeira</p>
<p>A cigarrar canta desabafando suas mágoas. Logo, logo explode. Helvécio Durs</p>	<p>Mostra sol, a cara, o toró, já vai passar... Sorria novamente. Maria Helena Siqueira</p>	<p>Até as nuvens de chuva parecem mais leves. Teruko Oda</p>
<p>Flamboiã no parque: Atapetando o gramado um círculo rubro!... Hermoclydes S. Franco</p>	<p>Xaxim. Verdes lanças, rendadas apontam, à Quixote, à chuva e ao sol. Maria de Jesus B. de Mello</p>	<p>Olhão arregalado delícia que derrete sorvete de criança. Yara Shimada Brotto</p>

ENVIAR ATÉ TRÊS HAICAIS

Prazo 28.02.00:

Kigos à escolha: Antúrio, Arco-íris, Festa de Iemanjá.

Prazo 30.03.00:

Kigos à escolha: Abacate, Ala das Baianas, Louro (ave).

Fazer um haikai sazonal é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos o satori ou "consciência de si", com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma sensação ou percepção (revelamos), compondo assim um haikai com kidai, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, como assunto principal o kigo, palavra da sazão. O haikai de sazão deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se "perca" no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haikai conterá ainda sutis sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher até três haicais, conforme os kigos à escolha em cada prazo, podendo pois, repetir, e cada conjunto em uma única ½ folha de papel carta ou ofício, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos kigos, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
2. Posteriormente o haicasta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. O haicasta se compromete a enviar numa folha, 7 dias após remessa do rol para escolha, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicasta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaxio do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

IPÊS EM FOLHA

<p>Ninho aconchegante. Tico-tico espera a mãe com biquinho aberto. Olga dos Santos Bussade</p>	<p>Pintando o caminho dois pequenos pés descaltos. Amoras no chão. Lávia Lacerda Menendez</p>	<p>Risos e chireiros... Crianças e passarinhos disputando amoras... Maria Milena Ferreira</p>
<p>Correm sorrientes, guris tingidos de vinho: Batalha de amoras. Lávia Lacerda Menendez</p>	<p>um tico-tico, sozinho, chama a companheira. Dialda Winter Santos</p>	<p>No quintal de casa, tico-tico faz a festa: milho de pão. Renata Paccola</p>
<p>Na folha de amora, a borboleta gestante, deposita os ovos. Ailson Cardoso de Oliveira</p>	<p>Boquinhas abertas... Gotinhas salvando vidas... – Dia da Vacina. Maria Madalena Ferreira</p>	<p>Feliz tico-tico... Pousa, come, bebe e voa livre pelo espaço. Regina Célia de Andrade</p>
<p>Tapete vermelho... Amoras no chão caídas. Passarada em festa. Olga dos Santos Bussade</p>	<p>Um vulto de branco. Bebê de bumbum de fora. Dia da Vacina. Maria R. Labruciano</p>	<p>Milhares de amoras buscam, com olhinhos rubros, os raios do sol... Amália M. G. Bornheim</p>
<p>Voa tico-tico. Busca os caminhos seus nas asas do vento. Francieli Silva</p>	<p>Dia da Vacina. Fila, calor, mãe calada e a criança em pranto. Olga Amorim</p>	<p>Fico-ticos banham-se, com vãos malarbísticos, na água azul do lago... Amália M. G. Bornheim</p>
<p>Meiga sertaneja contemplando o tico-tico – dupla fascinante! João Batista Serra</p>	<p>Dia da Vacina guri berra: – “É com agulha!” Fila em polvorosa. Lávia Lacerda Menendez</p>	<p>Bem amarelhino, fubá desperta a atenção... – Lá vem tico-tico! Maria Madalena Ferreira</p>
<p>Floresta de pedra, mas os raros tico-ticos ainda aparecem. Alba Cristina</p>	<p>Jogados na relva dois ovos de tico-tico que não vingarão... Darly Angélica O. Barros</p>	<p>Um bando de tico-tico desfila no campo. Humberto Del Maestro</p>
<p>sobre furos lambuzados. Amoras no chão. Analice Feitosa de Lima</p>	<p>Choro de criança! Pousados nos fios, vão bicando as próprias asas; quantos tico-ticos! Cecy Tupinambá Ulhôa</p>	<p>amoras maduras. Velho pé de amoras carregadinho de frutos enquanto estou longe... Ercy M. M. de Faria</p>
<p>Abelhas voam. Festival de lágrimas... Amália M. G. Bornheim</p>	<p>Dia da Vacina, Abelhas voam. Nos lábios de amora da intranquila garotada, – Gaviação achou!... Cecy Tupinambá Ulhôa</p>	<p>Olhinhos tão negros, contemplanço a primavera; amoras maduras. Abrenda-se o frião... Turmalinas aparecem na velha amora. Humberto Del Maestro</p>

